

Quinta-Feira, 04 de Junho de 2026

Base de Nunes ignora Boulos e já trava batalha por comando da Câmara Municipal

CORRIDA ELEITORAL EM SP

Metrópoles

Diante da perspectiva de uma vitória sem sobressalto de [Ricardo Nunes](#) (MDB) sobre [Guilherme Boulos](#) (PSol) no segundo turno da eleição à [Prefeitura da capital](#), vereadores dos principais partidos da base do prefeito na [Câmara Municipal](#) já articulam alianças para a eleição da Mesa Diretora do Legislativo no próximo ano.

O movimento ganhou contornos de traição, segundo alguns vereadores, porque dois dos partidos envolvidos na disputa, o PL e o União Brasil, haviam firmado um acordo, antes da eleição, para lançar um nome conjunto à presidência da Câmara — acordo que agora está abalado.

As articulações dos vereadores irritaram membros da campanha de Nunes, que esperavam foco total na reeleição do prefeito. Na terça-feira (8/10), durante uma reunião com os vereadores eleitos de sua base, [Nunes afirmou que, com a ajuda dos parlamentares, “tratoraria” o rival do PSol.](#)

Na sexta-feira (10/10), [o prefeito criticou a movimentação](#): “Essa turma precisa é ir para a rua fazer campanha e parar de futrica”, declarou.

Aliados em campanha

Na Câmara, quatro partidos são cotados para a presidência: além de União Brasil e PL, o MDB, partido de Nunes, e o PSD.

O atual presidente da Câmara, Milton Leite (União Brasil), havia decidido, no início do ano, não concorrer à reeleição para vereador. No entanto, ele continuou articulando para manter sua influência na Casa, [adotando o apelido de “guardanapo”, pois “não sai da mesa \[diretora\]”.](#)

Parte dessa articulação incluiu uma promessa do PL de que o partido de [Jair Bolsonaro](#) na cidade apoiaria um nome do União para a presidência. Em troca, o partido de Leite abriu mão de reivindicar a vice na chapa de Nunes, que o prefeito havia prometido ao ex-presidente — o indicado foi o [Coronel Mello Araújo](#) (PL).

Contudo, esperava-se que o União Brasil saísse fortalecido das eleições deste ano. Milton Leite montou uma chapa com influenciadores digitais e outros nomes de fora da política paulistana, e a expectativa era eleger 12 vereadores.

Com o fim da apuração, o partido elegeu sete nomes — dois deles, Rubinho Nunes e Adrilles Jorge, [sequer fizeram campanha para Nunes, defendendo o voto em Pablo Marçal \(PRTB\).](#)

Para vereadores, esse desempenho enfraqueceu o União Brasil e encorajou outros partidos a buscar mais espaço na política municipal.

O PL foi o primeiro a se movimentar abertamente. O presidente do diretório municipal do partido, Isac Félix, convidou o prefeito para [uma reunião que decidiu que a sigla lançaria um candidato próprio](#), segundo Nunes. O prefeito se recusou a participar. Seis dos sete vereadores do PL participaram do encontro e confirmaram a candidatura própria.

Por meio de nota, Félix afirmou que “a bancada estava reunida para alinhamento em prol do prefeito Ricardo Nunes”. “Não houve qualquer comentário sobre a presidência da Câmara com o prefeito, nem qualquer pedido de aval”.

No partido do prefeito, dois ex-líderes do governo Nunes na Câmara, ambos oriundos do PSDB, já conversam com aliados sobre o assunto: João Jorge e Fabio Riva. Nesta semana, durante uma reunião de Nunes com todos os vereadores eleitos pela coligação do prefeito, ambos afirmaram que só discutiriam o tema após o segundo turno, pois a prioridade era garantir a reeleição de Nunes.

O mesmo ocorre com o vereador Rodrigo Goulart (PSD), também cotado como possível candidato. Embora o PSD tenha eleito apenas três vereadores, Goulart foi um dos parlamentares mais envolvidos na campanha de Nunes, participando de diversas agendas de rua, e é visto como “conciliador” por ter costurado acordos com os partidos de oposição — PT e PSol — durante as discussões do ano passado sobre a revisão do Plano Diretor e da Lei de Zoneamento.

“Não sou candidato”, disse Goulart, acrescentando que discutir o assunto agora é “um desrespeito à democracia”.